

EN *Diário de uma República* is a project that aims to record the reality of the Portuguese territory, through theatre and photography. Over the course of 10 years – from 2020 to 2030 – Amarelo Silvestre (a theatre company based in Canas de Senhorim, in the North of Portugal) and renowned photographers Augusto Brázio and Nelson D'Aires have been collaborating on this creation. After “Justice” and “Work”, this creation focuses on “Housing”. Fernando Giestas directs this show, with the subtitle “The house died”, in which we are confronted with questions (more than answers) about one of the most decisive contemporary themes for the present and future of people: the house as a home, as a place of comfort (where one returns at the end of the day), as a roof, but also “house” as a product, as a business, speculation and instability.

A CASA MORREU — DIÁRIO DE UMA REPÚBLICA III

AMARELO SILVESTRE (Portugal)
Direcção artística de FERNANDO GIESTAS A partir de fotografias de AUGUSTO BRÁZIO E NELSON D'AIRES



42º FESTIVAL 04 — 18
de almada JULHO 2025

Organização CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

Dias e Horários	07, 09, 11 JULHO — 21H30
Local	AUDITÓRIO OSVALDO AZINHEIRA, ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)
Classificação Etária M/14	Duração 75 MIN

Apoio Direcção Artística
RAFAELA SANTOS

Fotografia
AUGUSTO BRÁZIO
NELSON D'AIRES

Interpretação
DANIEL TEIXEIRA PINTO
FERNANDO GIESTAS
RAFAELA SANTOS

Apoio Movimento
PIETRO ROMANI

Cenografia
HENRIQUE RALHETA

Desenho Luz
GUILHERME POMPEU

Música
JOSÉ PEDRO PINTO
LEONARDO OUTEIRO

Operação Técnica
MARLENE RAMOS

Operação Som
LEONARDO PATRÍCIO

Consultoria Artística
ALEX CASSAL
FERNANDA EUGÉNIO

Equipa Amarelo Silvestre
MARLENE RAMOS E SUSANA
FIGUEIRA HENRIQUES
(Produção Executiva), **CARLA**
RAMOS (Gestão), CÁTIA
VELOSO MARQUES (Mediação),
MARIA INÊS SANTOS
(Redes Sociais)

Produção
AMARELO SILVESTRE

Co-Produção
CINETEATRO LOULETANO

Residências Artísticas
ALMADA

PT A habitação não anda direita, apesar de ser um direito. Há casas sem gente, há gente sem casa, há casas onde não cabe mais gente. A habitação-negócio é a negação da casa-lar. Morreram as casas como as conhecíamos. O que fazer perante isso? Colocar os dedos todos na ferida. Fazer doer ainda mais.

Esta é a III edição de *Diário de uma República*, projecto de Teatro e Fotografia da Amarelo Silvestre. Um olhar-ver artístico atento ao que vão sendo as pessoas e as paisagens de Portugal entre 2020 e 2030, com fotografias de Augusto Brázio e Nelson d'Aires. A I edição de *Diário de uma República* foi dedicada ao Trabalho e a II edição à Justiça.

Amarelo Silvestre

O QUE NOS RESTA QUANDO “A CASA MORREU”?

“Falemos de Casas”, escreveu Herberto Helder no início de um dos seus poemas; “Oh as casas as casas as casas”, escreveu Ruy Belo, exclamativamente e reiteradamente num poema famoso. Os exemplos seriam imensos, ficando só pela literatura. A casa é um tema recorrente e central em muitas obras, para muitos escritores. De maneira simples, e generalizando perigosamente, a casa está directamente relacionada com a vida das pessoas, e tem sido tematizada enquanto espaço crucial para a sua sobrevivência, com possibilidades de alargamento simbólico ilimitadas. Mas, e voltando ao poema de Herberto Helder, vale a pena ler um pouco mais: “falemos de casas, do sagaz exercício de um poder/ tão firme e silencioso como só houve/ no tempo mais antigo”. Falar de casas é aqui, também, falar do “exercício de um poder”, que é, também, “firme e silencioso”, tão firme e tão silencioso que o poema nos remete, para enfatizar essa adjetivação, para o “tempo mais antigo” que a arte inventa e refere.

É de casas e de poder que se trata no caso deste espetáculo. A companhia Amarelo Silvestre, sediada em Canas de Senhorim, tem vindo a desenvolver o projeto “Diário de uma República” desde 2020. Mescla teatro e fotografia, com direcção artística de Fernando Giestas e fotografias de Augusto Brázio e Nelson d'Aires, e tem vindo a mapear grande parte do território de Portugal. Cada apresentação é antecedida de uma residência fotográfica, e até agora foram apresentados os dois primeiros “volumes”, com os temas “Justiça” e “Trabalho”, respetivamente. As apresentações são em anos ímpares — 2021, 2023, 2025, até agora — e a companhia editou, ainda, um soberbo álbum/caixa de fotografias, que será progressivamente acrescentado à medida que o projeto vá evoluindo, até ao final da década.

João Carneiro
Expresso, 29 maio 2025